

Homenagem Nacional ao Professor António Pacheco Palha

A XX edição das Jornadas Patient Care – JNPC, que decorreu entre os dias 24 e 25 de Fevereiro, no Centro de Congressos de Lisboa, ficou marcada por uma homenagem prestada ao Prof. António Pacheco Palha. Este importante congresso médico nacional trata os mais variados temas da área médica na prática clínica e tem permitido uma atualização anual dos mais de mil médicos que habitualmente participam.

O Prof. António Pacheco Palha é um bracarense ilustre, filho do médico e psiquiatra Dr. António Alves Palha, clínico, e é atual diretor clínico da Casa de Saúde do Bom Jesus. A sua carreira académica foi realizada na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, desde 1964, tendo tido um percurso muito interessante e rico, ensinando na disciplina de Psiquiatria e Saúde Mental, tendo-se jubilado como professor catedrático em 2009. Tem tido um importante papel na formação de médicos psiquiatras da República de Moçambique, onde foi colaborador do Professor Veiga Simão na criação da Faculdade Médica da Universidade de Lourenço Marques, onde foi professor de Psicologia Médica e Psiquiatria, nos anos 60. Preparou o seu doutoramento na Universidade de Londres e defendeu a tese em 1985.

Foi diretor do Serviço de Psiquiatria do Hospital de S. João, de 1991 a 2009, onde reabilitou o Serviço de Psiquiatria com uma obra completa de modernização e de aumento. Foi presidente da Sociedade Portuguesa de Psiquiatria e Saúde Mental, da Sociedade de Psiquiatria Biológica e da Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica,

bem como presidente Federação Europeia de Sexologia. Foi o responsável durante 10 anos pelo Curso de Gerontologia Social Aplicada na Universidade Católica Portuguesa - Pólo Regional de Braga. Tem numerosos trabalhos científicos publicados em jornais nacionais e internacionais. É atualmente o Presidente da Associação de Saúde Mental em Língua Portuguesa (ASMELP) e diretor da Casa de Saúde do Bom Jesus.

Dependências entrevistou este vulto da sociedade portuguesa...

Têm sido homenagens, umas atrás das outras... Será o reconhecimento de quê, propriamente?

António Pacheco Palha (AP) – É simpatia por parte dos meus amigos... Por outro lado, sempre fui uma pessoa muito activa, muito envolvida nas áreas da medicina, do apoio social aos doentes e às famílias e nalguns temas que, há cerca de 40 anos, eram fracturantes, como o planeamento familiar, a sexualidade humana, a contraceção, as drogas, as esquizofrenias, os ensaios com psicofármacos... Enfim, muitas atividades que fui desenvolvendo em áreas complicadas mas às quais nunca virei a cara, procurando antes tratar de coisas que, na altura, seriam difíceis. Depois, também sempre tive muito envolvimento naquilo que é a divulgação, a parte pedagógica, quer em conferências formais, quer na relação direta, coloquial com alunos e professores nas escolas (tenho um livro com a Dra. Irene Cortesão, Maria Alcinda Silva e Arminda Torres e sobre “Educação para uma Sexualidade Humanizada”), para os clínicos gerais, internos de psiquiatria, etc ... tive sempre uma vida muito diversificada. Por outro lado, sempre se-



gui um lema que recebi do meu pai: “Faz o que deves e não esperes a recompensa”. Era uma época de austeridade, de pós-guerra, de dificuldades e esse legado acabou por se revelar muito útil no meu percurso. Tenho dado apoio aos países africanos de expressão portuguesa, os PALOP, particularmente com Moçambique onde a maior parte dos psiquiatras de Moçambique foram formados e preparados por mim, quer no Porto (Faculdade e Hospital S. João), quer em Braga (Casa de Saúde do Bom Jesus, Universidade do Minho e Hospital) e tudo isso me dá uma certa alegria e satisfação cívica.

Quem ficou a perder neste seu longo percurso de vida?

AP – Sou capaz de ter tirado um bocado ao convívio familiar e a atividades de lazer, a alguns hobbies de que gostava, como a fotografia ou a vela... Quanto à família, devo dizer que me diverti muito com os meus filhos e os tive sempre muito próximo, mas talvez pudesse ter tido mais relação com a restante família, nomeadamente pais e tios, de um modo mais íntimo e frequente...

Após este momento alto, o que fará?

AP – Este é um momento transversal... A minha vida continua enquanto tiver força e energia. Continuarei a fazer o trabalho que tenho feito na clínica, que eu adoro, e também na pós-graduação ligado à minha Faculdade e à Universidade do Minho e manter a minha atividade de Diretor Clínico da Casa de Saúde do Bom Jesus das Irmãs Hospitaleiras, hospital que sofrerá em breve uma enorme transformação, dando origem a uma unidade assistencial moderna, que espero venha a ser um exemplo para colmatar a necessidade dos doentes psíquicos, de terem um tratamento em regime de internamento, com instalações modelares com os equipamentos e facilidades necessárias para uma rápida recuperação e reabilitação psicossocial.

O que mais o marca ao longo deste rico percurso?

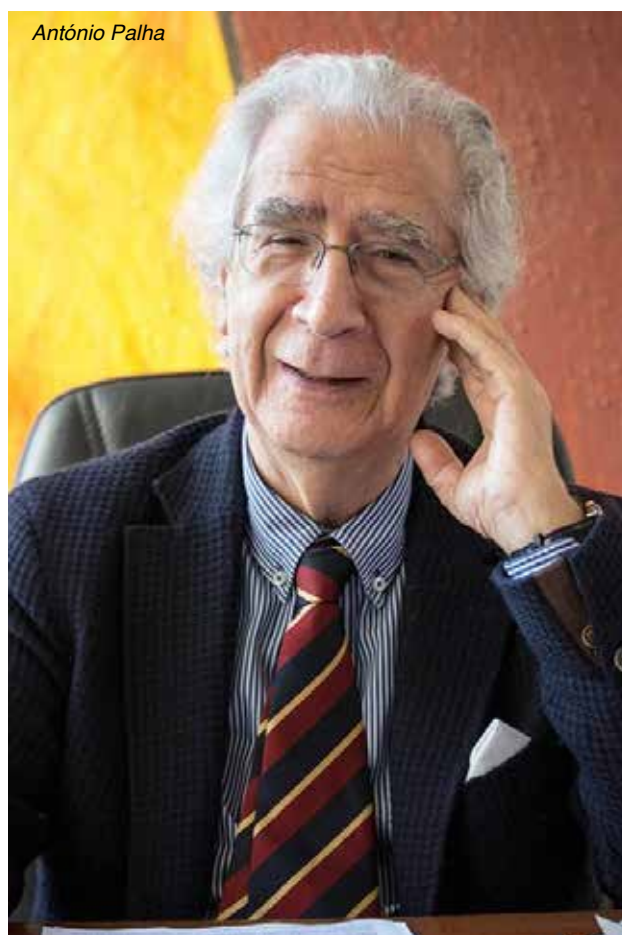
AP – O meu grande objetivo era a carreira académica, uma carreira difícil e exigente que nunca deixei de enfrentar com coragem, apesar de todos os obstáculos que encontrei e todas as provas académicas que tive que vencer. A clínica era outro objetivo onde também perdia muito tempo e me tirava os horários regulares dos meus dias. Era uma situação difícil de conciliar entre os deveres académicos, que não eram bem remunerados, que eu gostava muito porque me levavam a estudar sempre e a estar atualizado, e os deveres da clínica que eu também gostava e me permitia uma vida melhor. Amigos diziam-me que a vida académica era uma ilusão e que devia privilegiar a prática clínica onde poderia encontrar uma melhor vida e maiores facilidades. Mas eu queria viver bem, no sentido de não enfrentar dificuldades e de poder tratar os meus filhos com um bom nível, mas também dedicar o meu tempo com outras coisas e, nesse sentido, a academia, os estudos, as associações pedagógicas na comunidade e as relações internacionais eram áreas que me preenchiam. Aliás, tenho hoje ótimas relações com colegas e sociedades do Brasil, da África, dos EUA e da Europa. Fui presidente da Federação Europeia de Sexologia, sou membro honorário da World Psychiatric Association (WPA), da Sociedade Espanhola de Psiquiatria e da Associação Brasileira de Psiquiatria. Tenho estado também muito ligado à área da toxic dependência e das suas organizações internacionais.

Enfim... vou continuar a fazer o que puder com o objetivo de tratar bem e ensinar melhor.



E a psiquiatria, continua a ser a mesma?

AP – Continuo a dizer que o que faz falta na psiquiatria é uma maior formação clínica. Ver clinicamente bem os doentes, captar os sintomas, perceber como se inserem na realidade existencial das pessoas e tentar fazer uma abordagem multidisciplinar. Isso não significa que tenhamos que possuir uma enorme equipa mas a visão do caso tem que ser alicerçada em várias vertentes e o psiquiatra deveria estar preparado para isso (na clínica o dogmatismo é mau conselheiro...). E esta visão clínica tem faltado porque as pessoas esperam muito das análises, dos exames e das escalas e esquecem-se do resto que é observar com rigor e de modo completo e conhecer a patoplastia de cada situação para só depois propor o plano terapêutico.



Homenagem de Moçambique:

Khanimambo Professor Palha!

Caro Professor Palha,

Desde a época dos descobrimentos, muitos portugueses por nossas terras quentes passaram. Marinheiros, exploradores, soldados, cozinheiros, arquitectos, poetas, enfermeiros, professores, médicos entre outros;

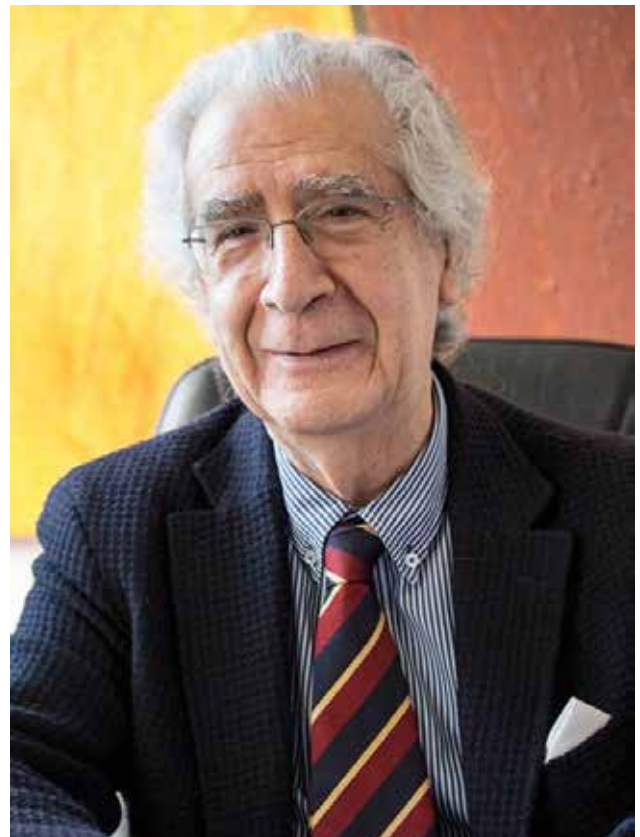
Cada um deixou marcas neste Moçambique de gente humilde e trabalhadora, um país rico em recursos e potencialidades, infelizmente repleto de assimetrias que afectam a população de formas variadas, uma delas – a de enlouquecer as pessoas, tanto no bom como no pior dos sentidos e o Amigo e Professor Palha, também “ enlouqueceu” há mais de 50 anos quando por cá passou para cumprir o seu serviço militar... e ajudou a criar a primeira Faculdade de Medicina de Moçambique da Universidade de Lourenço Marques, onde foi o primeiro Professor de Psicologia Médica e Psiquiatria e onde criou o laboratório de Psicologia, o laboratório de Neurofisiologia e o Centro de Estudos de Psicologia da Universidade.

No meio da loucura e de tantas outras prioridades - porque sim, um país com tantos recursos e tanta pobreza vive de urgências – escolheu a Saúde Mental, um mundo das pessoas suficientemente loucas pois sempre acreditou que a saúde mental é também um problema de saúde pública que impede o país de atingir o seu potencial.

Professor Palha, para nós os Africanos, o melhor legado que um pai pode deixar para os seus filhos é plantar uma árvore, pois dela as gerações se alimentarão dos seus frutos.

Bebeu muito bem desta sabedoria Africana e decidiu deixar o seu legado – Sua Árvore!

Quando a Saúde Mental dava os primeiros passos no pós-independência, nesta pérola do Índico com pouquíssimos quadros que sonhavam...O Prof. deu o devido incentivo e direcção, com paciência,



perseverança, ao ritmo do nosso crescimento e com a liberdade necessária que um mestre reconhece aos seus discípulos. Faz parte dos homens bravos e corajosos, “ loucos” o suficiente para fertilizarem o terreno da saúde mental moçambicana e de todos os PALOPs, dando-nos voz através da criação da ASMELP (Associação de Saúde Mental de Língua Portuguesa). Dessa maneira contagiou também os seus colegas Portugueses e até Brasileiros.

Professor Palha,

Temos orgulho de fazer parte do seu projecto de vida pessoal e profissional; Consigo aprendemos a ser firmes, rigorosos, éticos e tolerantes com os discípulos e subordinados bem como extremamente humanos para com os pacientes.

A sua paixão por esta terra e seu Povo – Seu legado – Árvore - tem hoje frutos valiosos e preciosos - Nós a Família da Saúde Mental em Moçambique!

Hoje associamo-nos a esta singela homenagem que merecidamente lhe prestam, para de uma forma “maningue” Moçambicana, dizer apenas ... Khanimambo Professor Palha!!...

